

CONSIDERAÇÕES SOBRE A DROGADICÇÃO: DEPENDÊNCIA PATOLÓGICA E INTOXICAÇÃO

Bianca Bergamo Savietto¹

RESUMO

Esse artigo trata da questão do uso de substâncias tóxicas na modalidade específica que permite caracterizar tal uso como drogadicção. Busca-se mostrar que, nos casos de drogadicção, há um tipo de funcionamento mental em que o recurso ao objeto-droga implica a presença de um tipo peculiar de dependência, cujo caráter é patológico. No artigo sustenta-se que o modo de defesa subjacente a tais condutas comporta uma dimensão paradoxal de autotratamento. Elaborar-se a ideia de uma dupla vertente de “toxicidade”, advinda de um “mau” encontro com o objeto primordial, do qual o sujeito procura escapar por meio da intoxicação pelo objeto-droga.

Palavras-chave: drogadicção; dependência; toxicidade; resposta paradoxal.

¹ Pós-Doutora pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). Mestre e Doutora em Teoria Psicanalítica pelo Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGTP – UFRJ).

SOME REMARKS ABOUT DRUG ADDICTION: PATHOLOGICAL DEPENDENCY AND INTOXICATION

ABSTRACT

The subject of this article is the use of toxic substances in the modality specifically described as drug addiction. It is argued that, in the cases of drug addiction, there is a type of mental functioning in which the object-drug entails the presence of a very specific type of dependency, whose character is pathological. It is assumed that the general underlying modality of defense connected to this kind of behavior implies a paradoxical dimension of “self-care”. It is also developed the idea of a double character of “toxicity”, which results from an “evil” encounter with the primordial object, from which the subject tries to escape through the object-drug intoxication.

Keywords: *drug addiction; dependency; toxicity; paradoxical response.*

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é abordar um modo específico de uso de substâncias tóxicas: o uso adictivo. Dirigiremos o foco de nossa reflexão para o funcionamento mental subjacente à drogadicção, visando analisar o tipo peculiar de dependência que supomos estar em jogo nesse fenômeno.

A dependência, na realidade, inscreve-se no processo geral de hominização, uma vez que o desenvolvimento do corpo e do psiquismo humanos só é possível por meio do contato, do acolhimento e da ajuda de outros humanos. A dependência configura-se, portanto, como aspecto inerente à condição humana. Sendo assim, Geneviève Bourdellon (2004) elabora uma diferenciação entre dependência normal e dependência patológica.

Na base da dependência normal estaria a progressiva, e sempre relativa, autonomização do sujeito em relação aos objetos primários. Tais objetos seriam capazes de metabolizar as experiências emocionais projetadas pela criança. Esta, por sua vez, introjetaria a função continente que permitiria sua gradual separação e diferenciação. Quanto à dependência patológica, pode-se estabelecer significativa articulação entre a fixação ao objeto de dependência e as dificuldades na organização das relações primárias, conforme aprofundaremos adiante.

Jean-Louis Pedinelli e Georges Rouan insistem no fato de que a dependência patológica constitui o ponto essencial da adicção de maneira geral: “A adicção não é nem o consumo, nem o uso de produtos, nem mesmo o seu abuso, mas a dependência de um produto ou de uma situação procurada e consumida com ‘avidez’ (...)” (PEDINELLI & ROUAN, 2000, p. 82. Tradução nossa).

A história, o discurso e os modos de investimento e de defesa dos adictos não são semelhantes, de maneira que não se pode falar em sujeito da adicção. No entanto, pode-se falar em sujeitos que possuem relações diversas com um mesmo elemento: a dependência. O que é comum, portanto, a todo comportamento adictivo e que permite, assim, que se possa falar em adicção de forma mais ampla, são os aspectos que configuram essa dependência.

Tais aspectos, conforme Pedinelli e Rouan, consistem na assiduidade/ vício, na “mania”, na exigência, na consciência impotente da submissão ao ato e no sofrimento paradoxal por ele provocado. O conjunto de aspectos enumerados como característicos da dependência (patológica) aponta, de modo marcante, para o seu caráter compulsivo.

Um dos elementos mais prementes da dinâmica psíquica subjacente à conduta adictiva é a necessidade de se desvencilhar, o mais breve possível, de qualquer tensão psíquica, seja esta fruto de afetos penosos ou de afetos agradáveis. Toda tensão é traduzida como sofrimento, dor mental da qual é preciso esquivar-se por meio do comportamento adictivo. Este promove, ao mesmo tempo, a descarga dessa excitação (em detrimento de sua simbolização) e o encontro com sensações por meio das quais o sujeito pode continuar sentindo-se existir e que, ademais, julga controlar.

A ADICÇÃO COMO RESPOSTA PARADOXAL

A busca de solução externa e somática para problemática interna e psíquica está fadada ao insucesso: “Os objetos adictivos (...) são tentativas de ordem somática, em vez de psicológica, para fazer face à ausência ou à dor mental, e fornecem somente alívio temporário ao sofrimento psíquico” (MCDUGALL, 2001, p.22) ². Apoiada na ideia do caráter imediatista da ação resolutiva do objeto adictivo, Joyce McDougall o denomina “objeto transitório”, desenvolvendo rica distinção entre este e o objeto transicional concebido por Winnicott.

Sem a intenção de adentrar as formulações winnicottianas acerca dos objetos e fenômenos transicionais – pois seria um desvio de nosso foco no presente trabalho – é importante ter em vista que tais objetos e fenômenos se situam na área intermediária entre o subjetivo e o objetivo, entre a realidade interna e a externa (WINNICOTT, 1953/1975). É relevante ter em vista, ainda, que os objetos transicionais têm como função a absorção de aspectos do ambiente materno, de modo a possibilitar a libertação da criança de seu vínculo absolutamente dependente com o objeto primário (MCDUGALL, 2001).

Recuperando a diferenciação entre dependência normal e dependência patológica, quando os objetos primários são capazes de metabolizar os afetos, a criança pode introjetar a função continente que permite sua (progressiva e relativa) autonomização. Podemos deduzir, então, que o aspecto essencial do ambiente materno a ser absorvido pelo objeto transicional a fim de que a criança se autonomize está ligado à função de continência. Quando os objetos primários falham, ocorre “destransicionalização” do encontro entre realidade interna e realidade externa.

² Tradução nossa.

A destransicionalização torna esse encontro traumático pois carente de jogo, de fantasia, assevera Bourdellon (2004). O objeto adictivo será então chamado à cena para proteger o sujeito do sofrimento gerado pela destransicionalização traumatizante. Instala-se a fixação ao objeto no lugar da progressiva autonomização, não sendo possível ao sujeito alcançar libertação dos vínculos absolutamente dependentes.

O objeto adictivo, “transitório”, pode ser descrito como objeto procurado para preencher a função reguladora que o sujeito não pôde introjetar. Assim, as dimensões de proteção e de preenchimento da função reguladora remetem-nos à dimensão paradoxal de autotratamento que está em jogo na economia adictiva. Ao invés de revelar um primordial desejo de fazer mal a si mesmo, a busca do objeto adictivo denuncia uma esperança de fazer frente à dor mental. Portanto, a adicção pode ser compreendida como tentativa de automedicação, sendo que destacamos aqui o efeito analgésico do comportamento adictivo.

Estar sob o efeito de um analgésico significa “não mais estar sentindo dor”; estar sob anestesia significa “estar sentindo *nada*”. Catherine Chabert (2006), ao abordar a especificidade da drogadicção, recorre às ideias desenvolvidas por Freud em *O mal-estar na civilização* para sublinhar, justamente, a função de “insensibilização” das drogas, o lugar destas substâncias dentre as técnicas visando anestesia.

Nessa mesma direção, Philippe Jeammet descreve as condutas adictivas como curativo psíquico dirigido às feridas geradas “pela inadequação da relação com os primeiros objetos” (JEAMMET, 2000, p. 102)³. Uma presença demasiado insistente do objeto seria engendrada por tal inadequação, colocando o eu em posição de submissão e de temor da intrusão. Diante disso, as condutas adictivas configurar-se-iam como resposta do eu ao poder do objeto, como tentativa de controlar esse objeto dominador. A resposta adictiva ilustraria de maneira exemplar a lei de uma relação narcísica, uma vez que nessa resposta o sujeito, narcisicamente dependente do objeto dominador (interno), tentaria em espelho submeter o objeto adictivo (externo) à sua manipulação e controle.

Esse pseudo-objeto sob controle, objeto da adicção, possui as seguintes características e funções: primeiramente, é manipulável, estando sempre à disposição do sujeito e não trazendo qualquer necessidade de confrontação com a falta, de modo a permitir a evitação das angústias de separação e de castração; além disso, funciona como fonte de excitação externa, como contrainvestimento às angústias de destruição e de vazio, ao mesmo tempo em que

³ Tradução nossa.

funciona como para-excitação ao potencial excitante do objeto. Estamos lidando, portanto, com a existência de um objeto (interno) indiferenciado do eu, perigosamente alienante, intrusivo e dominador, do qual o adicto busca se defender por meio do apego a um pseudo-objeto (externo) controlável.

Na drogadicção, ao mesmo tempo em que a evacuação da excitação psíquica é buscada por meio do compulsivo abuso de substâncias tóxicas, uma tendência à redução das tensões ao nível zero é freada por meio da utilização dessas mesmas substâncias. Logo, a radicalidade de uma descarga regida pela lógica do absoluto é combatida por meio do uso adictivo da droga, este figurando aí como arma de que dispõe o toxicômano para enfrentar tal combate e, portanto, como escudo, como elemento de defesa – como forma paradoxal de resposta, tentativa de dominação da excitação não ligada.

Avançando na questão da convocação do toxicômano à “cobertura” da droga, esta representa tentativa de fazer do próprio corpo um corpo sob o poder de um filtro que impede sua dissipação numa descarga completa. Um tratamento real do corpo faz-se operar para evitar a aspiração numa descarga radical, total. O que visamos destacar, neste ponto, é a dimensão de *realidade*, de concretude, que se destaca na problemática da drogadicção, na qual o sujeito apela para um tratamento real de seu organismo por meio da incorporação de um real “corpo estranho” – o tóxico, a droga (LE POULICHET, 1991).

Apenas quando o real “corpo estranho” tóxico, ou a “prótese química”, perde seu efeito é que o sujeito toxicômano desperta de um “sono hipnótico”, ou de uma “errância sonâmbula”, tomado, novamente, pela dor e pelo imperativo de tratá-la. Uma “formação narcísica” é então engendrada nessa operação, uma forma de homeostase sendo organizada como defesa, medida de proteção contra a excitação que assume, nestes casos, uma qualidade de efração. O engendramento de uma formação narcísica está ligado, portanto, entre outros aspectos, à impossibilidade de ligação da excitação; ou seja, ante o fracasso quanto à constituição de um sintoma, devido à qualidade de efração assumida pela excitação, e devido à impossibilidade de ligá-la, um retorno sobre o eu é operado, e é produzida uma formação narcísica.

Chabert (2006) utiliza a expressão *repli autarcique* para falar do movimento que está em jogo na toxicomania. *Autarcie* quer dizer autarcia em português, palavra que significa o estado de um país autossuficiente e possuidor de economia fechada. No recuo sobre si característico da toxicomania, a realidade é desinvestida em benefício da ação da droga sobre

a percepção; ademais, qualquer relação com a alteridade é excluída, sendo privilegiada a relação consigo mesmo. Trata-se, porém, de uma relação falaciosa, uma vez que, devido ao intermédio de uma substância tóxica, ela se dá com um si mesmo alterado.

A DUPLA VERTENTE DE TOXICIDADE NOS ENCONTROS PRIMÁRIOS

Sylvie Le Poulichet (2000) elabora a hipótese da existência, na toxicomania, de uma intoxicação que vamos denominar “primária”. A autora apoia-se nas pesquisas de E. Glover para descrever certas formas de identificação com os objetos nas quais é engendrado um “estado psíquico perigoso”, “simbolizado como uma substância concreta interna” (GLOVER *apud* LE POULICHET, 2000, p.122). Esta “substância concreta interna”, produzida por certos modos de identificação com os objetos, é denominada “substância psíquica”, e a droga – elemento externo – é entendida como exercendo função de “agente terapêutico” na reação contra esse elemento interno, existente como “corpo estranho” radical no psiquismo do toxicômano.

André Green, no prefácio de seu livro *Narcisismo de vida, narcisismo de morte* (GREEN, 1988), descreve o que denomina “experiência de descentramento” como a experiência por meio da qual o sujeito, na busca pelo objeto da satisfação e da falta, sente que seu centro não está nele mesmo, e sim num objeto fora e separado dele. Para recompor o próprio centro, o sujeito tenta se reunir ao objeto por meio da unidade, que é alcançada subsequentemente à experiência de satisfação. Quando a experiência de descentramento é atravessada pelo ressentimento, pelo ódio e pelo desespero, a reunião do sujeito ao objeto por meio da unidade não se faz possível, e o sujeito acaba por buscar “uma redução das tensões ao nível zero” (GREEN, 1988, p. 23).

O que faz com que a experiência de descentramento seja atravessada pelo ressentimento, pelo ódio e pelo desespero é “o efeito combinado da distância espacial não preenchível e da dissincronia temporal interminável” (GREEN, 1988, p. 23). Em nossa leitura, orientada pelas contribuições desse autor, entendemos que o que torna não preenchível a distância espacial, e interminável a dissincronia temporal, é o “mau” encontro com os objetos primários – ou aquilo que propomos chamar de desencontro com os objetos primários – isto é, a incapacidade desses objetos quanto a cumprir suas funções básicas (de estimulação,

de contenção / mediação / ligação e de separação) na ocasião das primeiras fusões do sujeito com eles, das primeiras unidades.

Os objetos dos quais estamos tratando são os objetos absolutamente necessários, nas palavras de Luis Claudio Figueiredo (2004) – absolutamente necessários para a constituição do psiquismo – que têm como função estimular a pulsão e, simultaneamente, contê-la; ou seja, que têm como função não só despertar a pulsão, mas também conduzir a pulsionalidade às ligações. Essas funções devem vir a ser internalizadas pelo sujeito para que, então, os objetos possam ser duplamente negativados, isto é, para que possam cair no esquecimento, sendo desdobrados em inúmeros objetos substitutivos, além de transformados em elemento estruturante do aparelho psíquico. Quando este “trabalho do negativo” se dá de maneira eficiente, o que ocorre não é um esquecimento radical dos objetos, e sim um esquecimento que engendra “uma forma de *presença ausente*” (FIGUEIREDO, 2004, p.19-20), responsável por permitir que o sujeito tolere as distâncias, ausências e inadequações dos objetos substitutivos.

Se a (dupla) negatização dos objetos depende de um inicial “bom” encontro com eles e da conseqüente internalização, por parte do sujeito, de suas funções básicas, é possível entender por que o “mau” encontro com os objetos primários representa o ponto de partida do “extravio” ou do “aborto” do trabalho do negativo. Em decorrência do “mau” encontro, o objeto “se ausenta quando devia estar presente e se impõe quando deveria deixar-se rasurar” (FIGUEIREDO, 2004, p. 18), permanecendo no aparelho psíquico do sujeito sob a forma de uma presença “ofuscante e perturbadora”.

Ao representar o ponto de partida dos “descaminhos do trabalho do negativo”, o “mau” encontro com os objetos primários também representa o ponto de partida do atravessamento do funcionamento psíquico pelas forças de descarga e pelo desligamento que está em jogo nos processos de desobjetalização. Ao não cumprir suas funções básicas, o objeto potencializa o aspecto mortífero das pulsões, disparando o que Green denomina processos de desobjetalização.

Mas é importante elucidar que mesmo quando a marcha desobjetalizante está em curso, continua havendo procura e desejo de permanência de objetos. Porém, nestes casos, o objeto que se “objetaliza”, aquele que o sujeito cultiva e no qual mantém sua aposta é, do mesmo modo que o foram os objetos primários, um “mau” objeto – “é o mau objeto que nunca se vai” (FIGUEIREDO, 2006, p. 71).

No que diz respeito, especificamente, à drogadicção, não enxergamos o objeto-droga como objeto “mau” em si, pois nem todo uso de drogas conduz a uma relação de dependência com esse objeto. O estabelecimento de uma adicção à droga não deve ser atribuído à própria substância tóxica, e sim ao sujeito que a utiliza, o qual possui relação singular com a alteridade, com o desejo e com o prazer. Entretanto, para o sujeito drogadicto, o objeto-droga configura-se, sim, como “mau” objeto, já que, na relação adictiva que tem lugar aí, diversos elementos destrutivos estão em jogo, tais como a dependência patológica com seu caráter compulsivo, o aprisionamento a uma única resposta para lidar com a dor mental, a dificuldade quanto à confrontação aos próprios afetos e aos vínculos com o outro, o apelo a um tipo de solução para o sofrimento psíquico que não promove mais que alívio temporário.

O objeto que expusemos como ofuscante e perturbadoramente presente, que não se deixa esquecer e, desta forma, produz intrusão intolerável, não dando lugar aos processos de objetualização, pode ser entendido como objeto (interno) intoxicante. Essa *primeira vertente* de toxicidade entrava a condução da pulsionalidade às ligações, e a manifestação de Eros, engendrando a presença do disparar das forças da descarga e do desligamento no funcionamento mental do sujeito drogadicto – a tendência de seu psiquismo a uma descarga absoluta das tensões.

O eu pode ser compreendido como uma superfície que se constitui como objeto de satisfação de um outro (LE POULICHET, 1991). Tal compreensão é influenciada pelas formulações freudianas acerca do revigoramento da onipotência narcísica dos pais por ocasião da chegada de um filho. Nesse sentido: “Com efeito, o eu torna-se este corpo que (...) responde à demanda de uma ‘outra pessoa’ e preenche sua expectativa” (LE POULICHET, 1991, p. 255). Esse corpo está, então, inicialmente tragado numa captura narcísica, satisfazendo e preenchendo continuamente o outro. Porém, é indispensável que, gradualmente, ele saia dessa captura para que alguma subjetivação seja possível.

Essas considerações nos remetem à distinção entre dependência normal e dependência patológica. Isso porque, de acordo com Bourdellon (2004), nos casos de dependência normal criança e objeto primário saem progressivamente do registro da ilusão. Entendemos a ilusão na mesma direção da captura narcísica trazida acima, na qual o eu se encontra imerso na origem de sua constituição. A saída dessa captura por parte do eu está intrinsecamente ligada às qualidades da relação primária com o outro: para que a autonomização (sempre relativa),

base da dependência normal, entre em cena é preciso que criança e objeto primário gradualmente saiam da ilusão.

Quando a progressiva separação/autonomização da criança é representada pelos objetos primários como ferida ao seu narcisismo, a captura se mantém. O sujeito, então, ao invés de ter, aos poucos, suas próprias demandas reconhecidas, permanece sendo cuidado em função das demandas “de uma ‘outra pessoa’”. Uma vedação é assim operada, engendrando a instalação de dependência patológica. No lugar de um vínculo “vivo”, há um vínculo “tóxico” que engessa o sujeito e entrava a construção de novos vínculos (BOURDELLON, 2004). A impossibilidade, por parte dos objetos primordiais, quanto à promoção da imprescindível saída da captura narcísica pode ser compreendida como uma *segunda vertente* de toxicidade que tais objetos comportam. Ao não promover a saída dessa captura, os objetos primários produzem o fechamento do sujeito num projeto alienante, mortificando, assim, seu desenvolvimento subjetivo e sua evolução libidinal.

O estabelecimento de uma adicção à droga configura-se, nesse contexto, como tentativa de não mais ser tributário do desejo do outro. Mas lá onde busca escapar do poder de um objeto (interno) intoxicante, o toxicômano encontra o poder de outro objeto (externo), concreto, *real*, que também o domina e o insere em nova dinâmica dependente (CORCOS, 2004).

O sujeito drogadicto busca refugiar-se de sua dor e de sua alienação no registro do absoluto, da onipotência, por meio da tentativa de autoengendramento de um corpo “estranho” e circular, protegido da intolerável intrusão do outro. Quando procura proteger-se no registro do tudo, ele, no entanto, se aliena novamente, permanecendo, em última instância, no registro do nada inerente à destituição da posição de sujeito, à dependência patológica e desumanizante. Quanto mais tenta se afirmar dentro de um fechamento narcísico, mais o eu se faz, paradoxalmente, desaparecer.

REFERÊNCIAS

- BOURDELLON, G. Engagement dans le désir ou engouffrement dans la dependance. **Revue Française de Psychanalyse**, Tome LXVIII. Paris: PUF, 2004.
- CHABERT, C. et coll. **Actes et dépendances**. Paris: Dunod, 2006.
- CORCOS, M. **Conduites de dépendance à l'adolescence**. Revue Française de Psychanalyse, Tome LXVIII. Paris: PUF, 2004.
- FIGUEIREDO, L.C. Lendo André Green: o trabalho do negativo e o paciente limite. In: CARDOSO, M. R. (org.) **Limites**. São Paulo: Escuta, 2004.
- FIGUEIREDO, L.C. Saindo da adolescência. In: CARDOSO, M. R. (org.) **Adolescentes**. São Paulo: Escuta, 2006.
- GREEN, A. **Narcisismo de vida, narcisismo de morte**. São Paulo: Escuta, 1988.
- JEAMMET, P. Les conduites addictives: un pansement pour la psyché. In: LE POULICHET, S. (org.) **Les Addictions**. Paris: PUF, 2000.
- LE POULICHET, S. Se faire un corps étranger. **Nouvelle Revue de Psychanalyse**, 43. Paris: Gallimard, 1991.
- LE POULICHET, S. De la 'substance psychique' au paradigme de l'addiction. In: LE POULICHET, S. (org.) **Les Addictions**. Paris: PUF, 2000.
- MCDUGALL, J. L'économie psychique de l'addiction. In: MARINOV, V. (org.) **Anorexie, addictions et fragilités narcissiques**. Paris: PUF, 2001.
- PEDINELLI, J.L. & ROUAN, G. Les logiques de l'addiction. In: LE POULICHET, S. (org.) **Les addictions**. Paris: PUF, 2000.
- WINNICOTT, Donald Woods (1953) Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.